

REDACTION ET
ADMINISTRATION :
3, RUE RECAMIER
PARIS (VII^e)

jornal do Emigrante

Nº 6
JANEIRO DE
1970
1 F

CONTRIBUIR PARA QUE OS TRABALHADORES EMIGRADOS TOMEM CONSCIÊNCIA DA SUA DIGNIDADE DE HOMENS

COLUNA um

EMIGRANTES E MARINHEIROS

O programa « Ponto-Contraponto », da televisão francesa, apresentou uma reportagem sobre Portugal, no passado dia 11 de novembro. Duma entrevista feita ao Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, registamos a seguinte passagem :

— Jornalista : « E quanto à Europa, qual é a posição de Portugal ? »

— M. Caetano : « Portugal é um país europeu, mas repare que está no extremo do ocidente, os grandes movimentos europeus passaram-se sempre longe das fronteiras portuguesas, nós somos europeus, temos orgulho de participar no continente, pela sua nobreza, a sua história, circulação, pelo seu papel no mundo. Mas não esqueçamos também que a nossa vocação foi sempre atlântica, somos UM PAÍS DE MARINHEIROS. O mar ! Nós descobrimos novos mundos e deixamos a Europa um pouco para trás, temos o nosso coração repartido pelo mundo, América, Brasil, África, mesmo no Oriente. »

Pelo que diz o actual chefe do governo, verificamos que na realidade a sorte dos trabalhadores na emigração não é problema que preocupe muito o governo. Marcelo Caetano diz, que somos « um país de marinheiros », que « temos o coração repartido pelo mundo ».

Mas, ele não disse que o « coração repartido » é o das famílias de milhares de trabalhadores que tiveram de vir para França, fugidos a miséria ou à tropa.

E o « país de marinheiros » que ele diz sermos, é ver a quantidade de trabalhadores que tiveram de sair das suas terras, que partiram para o Brasil, para o Canadá, para a França, para a Alemanha, à procura do pão que lhes faltava na sua terra, e do futuro dos filhos. São estes os « marinheiros » de que fala Marcelo Caetano ?

Ou os marinheiros de que ele fala são o sr. Henrique Tenreiro que tem o monopólio das fábricas de peixe sem possibilidades de se conhecerem congelado e dos estaleiros navais, ou os srs. Venâncio Deslandes e António Spínola, os « duros » do exército português ?

A demagogia (arte de enganar os outros), é o forte do Presidente do

(CONTINUA NA PAG. 2)

A EMIGRAÇÃO E A DESVALORIZAÇÃO DO FRANCO

« O 8 de Agosto vai-me custar 5 000 escudos por ano » — diz um português do « bidonville » de Massy.

O VALE DO CORREIO

Quando toda a existência é condicionada por um só fim : « ganhar dinheiro, ganhar muito e depressa », quando para isso se aceitam os piores sacrifícios : deixar os seus, deixar o País, aceitar « viver » num bairro de lata para enviar o máximo à família, conhece-se melhor, mais dolorosamente o preço do dinheiro. Mesmo os analfabetos aprendem rapidamente a desconfiar das ratoeiras armadas a este dinheiro tão duro de ganhar.

Imaginem as privações dum operário que, trabalhando 56 a 60 horas por

(CONTINUA NA PAG. 3)

Neste número

■ CUIDADO COM OS TRAFICANTES DE HOMENS

Como querem vender os trabalhadores emigrantes a outros países.

(VER PAGINA 4)

■ A GUERRA EM AFRICA

- Porque é que Portugal cortou relações diplomáticas com a Suécia ?
- Falam soldados Portugueses prisioneiros.
- O que é CABORA BASSA ?

(VER PAGINA 6)

A EMIGRAÇÃO CONTINUA

VER
INFORMAÇÕES
NAS
PAGINAS
INTERIORES



PORTUGAL. — uma aldeia transmontana, «sem vida, sem gente para a desenvolver, foram todas para — as França» — ».

FOTO DE BLONCOURT



JORNAL DO EMIGRANTE

é editado pela iniciativa das seguintes organizações portuguesas :

- Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular - 3, rue Récamier, Paris (7^e)
- Club dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris - 3, rue Récamier, Paris (7^e)
- Club Franco-Português da Juventude - 70, rue François-Miron, Paris (4^e)

EMIGRANTES E MARINHEIROS (CONTINUA DA 1a PAG.)

Conselho. Mas, contra os seus argumentos, temos os factos da emigração, temos a realidade dos milhares de trabalhadores e jovens.

« Entre 1961 e 1968, emigraram, legalmente 43 075 habitantes do distrito de Leiria. Mais do que a população do concelho das Caldas da Rainha. Mais do que a população dos concelhos de Peniche e Marinha Grande. Mais também do que a população dos concelhos de Alvaizere, Figueiró dos Vinhos, Pedrógão e Castanheira de Pera, no seu conjunto! »

« Quantos o fizeram ilegalmente, através das estatísticas oficiais? Com certeza tantos que não haveria concelho do distrito com população superior. Talvez tantos como Alcobaca e Pombal! »

« Tem o maior significado saber-se, que em 1968, emigraram, legalmente mais mulheres do que homens - 1053 homens casados e 1809 mulheres casadas. Isto quer dizer que as mulheres foram legalmente ter com maridos que emigraram legalmente ou « a salto ». E quer dizer também que são famílias que se fixam no estrangeiro, e que se acabaram remessas de dinheiro dos emigrantes, factor da maior importância na vida económica portuguesa dos últimos anos (com as divisas entradas, que mantêm a guerra colonial e enchem os cofres dos ricos). »

« São vizinhos que nos deixaram (como dizia a CDE-Leiria). São braços que, noutros lugares, labutam o pão para a boca. A nossa luta é a luta por um Portugal onde os portugueses construam condições para aqui vivermos dignamente; onde os braços encontrem o necessário à boca. »

M. da Fonte



LÊ E ASSINA
"JORNAL do EMIGRANTE"

EM ALVAIAZERE OS SANTOS TAMBÉM ENTRARAM NA CAMPANHA

Alvaizere é uma pequena vila da região de Leiria. Os seus habitantes são tão pobres e sofrem de tantas dificuldades que nem tiveram a paciência para se ocupar das eleições. Mas a União Nacional e o seu candidato Dr. Rui Moura é que não estavam pelos ajustes com esta indiferença e inventaram um estratagem: O D. Rui de Moura, Director da Prisão-Escola de Leiria e Candidato a deputado, fez sair um panfleto em que se dizia que os candidatos da Oposição entraram na igreja matriz e encheram as paredes do templo de cartazes e outra propaganda; depois, dizia o panfleto, aqueles candidatos foram-se lavar na pia batismal e na da água benta...

Mas, por mal dos seus pecados, o Dr. Rui de Moura verificou que ninguém na terra acreditou na história? Os habitantes disseram mesmo aos jornalistas que não viram qualquer cartaz nas paredes e que era impossível alguém lavar-se na pia batismal porque ela estava fechada à chave, como de costume. Depois disseram que, de qualquer modo, eles « se estavam nas tintas ».

Apesar do povo afirmar que nada, absolutamente nada, se passara de anormal na sua igreja durante aqueles dias, o Pároco leu no domingo seguinte um « protexto contra aquela profanação ». O povo de Alvaizere verificou então que toda a gente lhe passou por cima e deixou-se « ficar nas tintas »: a participação eleitoral foi a mais fraca da região.

Só é pena que os santos não tivessem dado também a sua opinião sobre o assunto!

SOB O REINADO DE MARCELO CAETANO

Na inauguração das novas instalações da Covina

Governo e Patrões de mãos dadas

TOME FETEIRA e AMÉRICO TOMAS são dois pais para todos os portugueses; é essa a conclusão a que eles chegaram depois de um nunca mais acabar de discursos, quando da inauguração das novas instalações da Covina, fabrica de vidros dos arredores de Lisboa.

PAIS ILEGITIMOS

Pois o nosso pai Tomé, que não tínhamos o prazer de conhecer, foi o fundador e é o grande patrão da Covina. Quanto ao Pai Tomas, já o conhecíamos, e de ginjeira; mas qual de nós se considera verdadeiramente seu parente?

Tomé Feteira é o « orgulho da raça », dizia o « Século », porque é um homem de muitos milhões e sempre soube levar a água ao seu moinho: foi ele que introduziu em Portugal os novos processos de fabricar objectos, paredes e mosaicos de vidro.

Tomé Feteira, no seu discurso revela um ódio de morte pelos outros vidreiros portugueses seus concorrentes — chama-lhe « tartufos », hipócritas, ladrões, satânicos, e lança contra eles todas as pragas ruins pronunciadas por quantos espíritos malignos reza a história, desde Epaminondas (!) até ao Padre Antonio Vieira, passando por Horácio e os Evangelhos...

Disse ele que nunca se afastou dos caminhos da Justiça, que dava esmolas aos pobres com dinheiro do seu bolso (o que quer dizer que não valia a pena ir ao banco por tão pouco!). Diz mesmo, com ares de santo, que deu um dia emprego a um rapaz aleijado, a pedido duma mãe aflita!

O VOSSO PAI ESTA RICO

Operários de Lisboa e arredores; aqui está o vosso pai; um homem caridoso, cheio de bondade e... de dinheiro. O vosso pai está rico à

custa do suor dos vossos rostos cansados e mal alimentados; o vosso pai enriqueceu enormemente, mas para que ele enriquecesse tivestes vós de empobrecer... e de emigrar. É essa a lei da justiça de que ele fala, a justiça capitalista.

Américo Tomás, presidente da República, também se diz vosso pai — pai de todos os portugueses, diz ele. Pobres compoñes da minha aldeia, se o desemprego e a miséria vos espreitam, não vos revolteis. Ensinai os vossos filhos a votar por Tomás, por Tomé, e seus compadres e a respeitar a ordem estabelecida por eles. O vosso pai Tomás e mais o vosso pai Tomé pensam em vós todos os dias, não para vos deixar as suas fortunas (não tendes ilusões) mas para ver de que modo vos vão de explorar ainda mais. Quanto aos vossos filhos, criai-os depressa e bem porque um belo destino os espera: a Sociedade TOMAS - FETEIRA E COMPANHIA reservam-lhes um lugar na Guerra dos fazendeiros e dos traficantes de minério de Portugal de Aquém e de Além-Mar. Se eles por lá ficarem, serão uns heróis, porque não existe maior destino nem glória do que dar a pele pelos que lá possuem roças e minas.

Os africanos estão em vias de expulsar de sua casa todos os seus pais ilegítimos; quando farão os portugueses o mesmo?

Jorge Casal

PASSAPORTES A DAR E VENDER

Marcelo Caetano dá passaportes a toda a gente. Foi pelo menos o que ele disse a um jornal francês « L'Aurore ». Mas uma coisa é a propaganda eleitoral outra coisa é aquilo que se faz no dia a dia. Quem é que diz que Caetano faz o que o outro fazia e não faz o que o outro não quis fazer? São alguns « más línguas » alguns « maus portugueses ». Pelos vistos eles contam-se por legiões: que o digam os jovens portugueses que atravessam a salto as fronteiras todos os dias e todas as horas.

ABONO DE FAMILIA PARA OS TRABALHADORES DO CAMPO

O Governo, em plena campanha eleitoral, decidiu dois « grandes melhoramentos de carácter social »: **Primeiro**: aumentar os ordenados e as condições de promoção dos oficiais da tropa. **Segundo**: conceder abonos de família aos trabalhadores do campo.

Foi mais um estratagem eleitoral. E para que não pensam que falo de cor, aqui vai um exemplo: o distrito de Leiria; de tantas dezenas de freguesias que conta o distrito apenas foram tocadas pelo abono de família as seguintes: Milagres, Monte Redondo, Reguengo do Fétal, Maçãs de Dona Maria, Alfeizerão, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande. Nestas freguesias nem todas as famílias de trabalhadores rurais com filhos menores receberam abono. Na freguesia dos Milagres, por exemplo, que é das maiores, apenas 7 (sete)

LIVRES OPINIOES (CONTINUAÇÃO DA 1a PAG.)

« combina » o certo é que só os da União Nacional se convencem da sua « vitória »: só 10 por cento da população pôde votar, não houve liberdade na propaganda nem na escolha dos buletins de voto, não há segredo de voto, os candidatos da U.N. fazem chantagem com os seus eleitores, o povo não tem conhecimento do que se vai fazer dado a falta de informação e nem sequer se dá conta da sua exploração.

PARA QUE SERVEM OS DEPUTADOS

Mesmo que a Oposição elegeisse 10, 20 ou 50 deputados o que é que ia fazer com eles no meio de tantas corujas da União Nacional? Mesmo que a Oposição tivesse a maioria (o que é absurdo) isso não modificava grande coisa dado a pequena importância que tem a Assembleia Nacional no nosso sistema político e o poder absoluto que tem o Governo perante a Constituição.

As leis que saem da Assembleia tem de ser « regulamentadas » pelo Governo se não, não terão qualquer valor; o Governo não é, por seu lado, obrigado a « regulamentar » todas as leis. Há mesmo muitas leis nas gavetas da Assembleia Nacional, do tempo de Salazar, e que nunca foram « regulamentadas ». Verdade é que os deputados, ao fim de dez anos tem a possibilidade de rever a constituição e de propor uma nova ou reformas à antiga, mas isso não passaria de uma boa intenção, porque o governo pode fechar as portas da Assembleia e correr com os deputados quando bem o entender sem dar contas a ninguém.

Acho infantil estar a pedir a « liberdade » àqueles que seriam as primeiras vítimas dela, se a dessem. Os deputados do Governo são os tubarões que, espalhados pelo país, controlam os dinheiros públicos, as empresas públicas e privadas, detem os tachos; quem é o ingénuo que acreditaria que eles deixassem as suas fortunas e as suas posições « por amor do povo »? Eles não estão lá para servir o povo, mas para se servir dele.

A Liberdade, o Progresso, o Bem-Estar, não se pedem, não se mendigam mas conquistam-se. A liberdade e o progresso « dados » ou « oferecidos » seriam uma velhacaria porque quem dá quer receber em troca, tanto mais não seja que lhe digam obrigados e os deixem gozar dos seus rendimentos.

A Liberdade e o Progresso não pagam dividendos senão aos que morreram por eles.

Jorge CASAL

famílias receberam abono para os seus filhos.

Para se receber abono a primeira condição que se põe não é « ser trabalhador e ter filhos menores a criar » mas sim: « ser sócio da Casa do Povo »; e para isso, evidentemente é preciso que haja casa do povo...

Casa do « povo » é um modo de dizer, porque essas casas são organismos do Governo e os seus dirigentes são todos do « tacho » e agentes da Pide. « Coios de vigaristas e de exploradores do povo » era o nome que lhes convinha.

J. C.

CONTINUA A EMIGRAÇÃO

TORTOSENDO. — E o êxodo não pára. A nossa terra, a pouco e pouco, vai ficando despovoada. E a França, onde o maior número de pessoas se vai concentrar, não fecha, por enquanto, as portas à emigração.

Há trabalho para todos. E ao fim dum ano de trabalho conseguem ter (o que aqui não lhes seria possível) algumas economias. E voltam então a Portugal, mas de férias, um mês, matar saudades. A deslocação ainda é de considerar, mas para isso ganharam e não gastam tudo. Se cá ficassem, opinião de alguns, com quem conversámos, nem a Lisboa podiam deslocar-se.

E muitos vêm de carro, um luxo que talvez nunca sonhassem ter. E todos se dizem satisfeitos com o passo dado, pois o futuro já se não apresenta tão sombrio como antes da partida.

Também encontram muitas dificuldades para vencer, serviços a que não estavam habituados, mas a compensação encoraja-os a prosseguir.

E os seus familiares e amigos, para quem a vida aqui não se modificou, antes se vai tornando insustentável, não resistem, e entre as saudades que possam vir a sentir e a vida de sobressaltos que aqui levam, em que as perspectivas de um futuro risonho se não vislumbram, vão fazendo projectos de partida e lá vão, logo que surja oportunidade.

... E vão partindo. E os lugares da sua permanência vão ficando vagos.

E nos estabelecimentos comerciais, nos mercados, nos cafés, nas casas de espectáculos e noutros locais, que normalmente frequentavam, que se nota a sua falta. E ainda nas oficinas onde trabalhavam, cujos lugares vão ficando vagos por carência de serviço. Há faltas grandes em todos os sectores da vida tortosendense.

E vão enriquecer outro País. Vão contribuir para o seu desenvolvimento social e económico. Vão cavar ali o progresso, deixando atrás o retrocesso.

E a nossa terra parece condenada no seu desenvolvimento, já pouco se pensa no seu progresso. Emigrar, emigrar, é o «slogan». Esperou-se demasiado, nada, que incentivasse o trabalhador a ficar, surgiu.

Jornal do Fundão

A DESVALORIZAÇÃO DO FRANCO

(CONTINUAÇÃO DA 1ª PAG.)

semana, algumas vezes mais, consegue ganhar de 900 a 1 200 francos por mês e que encontra meios de enviar todos os meses um vale do correio de 500, 600, 800 francos mesmo...

Tinham-lhes dito com frequência: «França é o Brasil», e apresentavam cada empresa como «uma árvore de colher escudos»... era só preciso colhê-los. E assim se encontram nos bairros de lata.

CONTRASTES

São cinco ou seis em barracas rudimentares feitas de blocos de cimento, cobertos de chapa. Alguns fizeram vir a mulher. Crianças correm entre as barracas ou vão brincar na pedreira vizinha. Visão futurista: sobre o bairro, cabos eléctricos suspensos a grandes piões de ferro. Os «Jets» descolando do aeroporto de Orly fazem tremer, à passagem, as frágeis construções.

A dois passos, na estrada nacional, um grande cartaz propõe: «Apartamentos, 3 a 5 divisões, alugam-se. Residências do Lac e St. Huber. Disponíveis imediatamente».

O prémio: a maior parte dos homens que aqui habitam foram os construtores destes apartamentos.

Entretanto, à força de disciplina, de limpeza, este bairro não é «repugnante», com as suas casas retocadas de pálidas cores, azul, amarelo, verde, dando-lhe um ar de certa graça. A «Alameda de Tomar», liga à «Praça da Guarda», onde há um café-mercearia. Aí os homens bebem cerveja e comem amendoins, como no seu País. Cá fora um bom cheiro a sardinhas frescas grelhadas nas brasas.

TRES MESES DE VIDA

Inácio vem juntar-se ao grupo que fala da desvalorização. Calha bem, pois chegou agora do correio. Foram precisos 60 000 francos velhos. «Antes para enviar 3 050 escudos chegavam-me 53 000 francos velhos. Hoje pediram-me 60 000». É uma diferença muito grande, constata com tristeza o António.

Um outro, cuja mulher e filhos se encontram em Portugal, exclama: «Eu, em 800 francos, vou perder 400 escudos. Contando sobre um ano: dá 5 000 escudos. Cinco contos lá em baixo são três meses de vida».

Para estes portugueses isolados nas barracas da construção civil o dinheiro é cada vez mais baixo, o trabalho cada vez mais duro. «Se isto continua...» diz Alberto fazendo um gesto de partida. «Eu, retoma o Inácio, parto amanhã de férias. Há quinze meses que não vejo nem a mulher nem os filhos. Agora vou ver o tempo, vou ver o dinheiro e talvez por lá fique».

Reportagem de Pierre Cames (setembro, 1969) ■

Desporto

DJALMA FREITAS (BELENENSES)

**5 meses de prisão
por cada homem que mata!**

É assim que os tribunais portugueses julgam os que são estimados pelo regime e pela «Nação», como os jogadores de futebol!

Djalma Nascimento Freitas, jogador de futebol do Belenenses, conduz o seu carro com a mesma brutalidade com que entra na grande área para meter golos. Foi Assim que no passado 28 de setembro matou três pessoas na estrada de Sarilhos - Grandes, concelho de Moita, abandonando - as e fugindo. (Jornal de Noticias, 27-11-69)

O acusador publico disse no tribunal que esse individuo Djalma é o caso mais raro de criminalidade que ele observou durante toda a sua carreira. O advogado do réu disse, por sua vez, que o «caso Djalma» deve ser observado «à luz do meio social português a que falta o minimo de educação de base»; mas o que nem ele nem o acusador público disseram que era justamente devido a essa fantochada de justiça, que «falta de educação» se faz sentir... e olhem que um pobre que caia nesses tribunais não sai de lá de cara alegre!

Quando um individuo, só por que sabe dar pontapés na bola é elevado à honra de herói e de ídolo nacional, não admira que esse individuo se comporte como um bruto no meio dos outros homens, que ele até despreza.

FANTOCHADA DE JUSTIÇA

O Advogado de defesa pediu ao tribunal que absolvesse o seu cliente porque «NAO ERA CONVENIENTE QUE ELE FOSSE PARA UMA PRISAO NO MEIO DOS OUTROS PRISIONEIRO DE CRIME COMUM...» (Evidentemente, para bem dos interesses superiores da nação, não convém que um jogador de futebol, que ganha uma fortuna por ano, seja metido na choldra com aquela ralé que tem de roubar couves para poder sustentar os filhos). Diga-se de passagem que há gente, e muita, por aqueles Limoeiros fora, que é mais, e muito mais, séria do que alguns futebolistas, advogados e juizes portugueses.

Atendendo, por sua vez, aos interesses da nação, o juiz condenou o três-vezes-criminoso Djalma a 15 meses de prisão e mais uns biscátos de multas, e há ainda, segundo a sentença, a possibilidade de ele sair ao meio da pena «se o seu comportamento na prisão for exemplar». Bem feitas as contas, 2 meses e picos por cada assassinato.

Conheço pessoas na minha aldeia que foram condenadas a 15 meses de prisão (e mesmo mais) porque foram encontradas a apanhar batatas ou azeitona na quinta do Senhor Fulano de Tal. É que para a justiça portuguesa um saco de batatas do grande proprietário do sítio vale mais do que a vida de três pobres homens que se deslocam a pé para o seu trabalho.

Joaquim Agostinho

POR ORLANDO JORGE

Na época ciclística que terminou, há já uns meses, surgiu um nome português que nós todos conhecemos: Joaquim Agostinho.

Ganhando duas etapas na volta a França, a volta a Portugal e o troféu Baracchi (em Itália) ele soube atirar sobre si os nossos olhares. Uma nota de tristeza veio, porém, ensombrar a sua reputação. A federação portuguesa de ciclismo desclassificou-o do primeiro lugar na volta a Portugal sob pretexto que ele tinha tomado uns certos medicamentos a que chamam «dopping».

Ora nós, que o vimos correr aqui em França, que o vimos correr com quarenta graus de febre, contra Merckx ou Gimondi não podemos acreditar em tais declarações da federação portuguesa. Para isso temos motivos e, se os factos são a prova da verdade (como nós sabemos), como poderá a federação portuguesa de ciclismo afirmar o contrário?

É que um ciclista é um trabalhador e Agostinho era nem mais nem menos que um de tantos como nós que emigraram para França. Agostinho é um trabalhador que soube fazer-se estimado de todos os seus camaradas de trabalho, é um trabalhador que soube impôr-se entre tantos outros. Agostinho aprendeu, aqui em França que um operário tem possibilidades de defender os seus direitos contra

o patrão, e que tem direito a inscrever-se num sindicato que o defenda, nos momentos de necessidade. Sómente o que Agostinho não aprendeu ou que talvez tenha esquecido muito depressa, é que os patrões em Portugal não gostam nada das greves que nós fazemos. Agostinho esqueceu isso e fez greve juntamente com os outros ciclistas, em Portugal para que as condições da volta melhorassem.

Hoje, quem de nós não está pensando que se os polícias não meteram o Agostinho na prisão, como nos fariam, foi pelo facto de ele ter feito greve.

Todos sabemos que quem se mete com ladrões fica roubado. Portanto para nós a verdade é esta: os senhores da federação portuguesa de ciclismo e os directores-capitalistas do Benfica e Sporting, roubaram Agostinho para puni-lo de ele ter feito greve.

Que não nos venham impingir outras mascaradas porque nós não nos deixamos levar por parvos, nem vamos nas cantigas duns fulaninhos que só sabem viver à custa do operário.

É por isso que nós consideramos Agostinho como um bom profissional; é por isso que nós estamos a seu lado para encorajar a sua carreira tão prometedora.

"O SALTO"

Uma iniciativa do
JORNAL DO EMIGRANTE

Mais de 60% da emigração portuguesa veio a monte. Com o chamado «passaporte de coelho». Sobre a viagem, cada um de nós tem uma história a contar. A passagem da fronteira é um momento que cada um de nós recordará e que imensas vezes repetirá aos familiares, aos vizinhos, aos amigos.

Pois bem, o JORNAL DO EMIGRANTE decidiu, nesta 2a. série, abrir uma secção destinada a revelar o que é a passagem «a salto» para França. A dura prova a que somos obrigados apenas porque nos recusam um passaporte, ou porque temos de fugir à vida militar. Para isso, pedimos a todos os leitores para nos escreverem contando a sua

história, descrevendo a sua experiência do «salto». O JORNAL DO EMIGRANTE, tentará na medida das suas possibilidades, publicar as diversas descrições da vinda para França.

Tentaremos também compensar os leitores do JORNAL DO EMIGRANTE que colaborarem nesta iniciativa, remetendo-lhes dentro das possibilidades ou um disco ou um livro, não como prémio, mas como meio de esclarecimento e alargamento da missão do JE: informar e colaborar directamente com os trabalhadores emigrados.

Hoje publicamos a primeira descrição dum emigrante. Encontra-se na região da Normandia e trabalha no «bâtiment»:

DOIS DIAS A PÉ - 27 HORAS NUM CAMIAO

«Saí de Portugal num sábado de janeiro. Paguei 9 000 escudos — 150 000 F — para o transporte e a alimentação, a um compatriota que se ocupava das viagens. Uma parte deste dinheiro pedi emprestado, e neste momento continuo a pagar».

«O primeiro obstáculo: atravessar a fronteira de Portugal para Espanha. Eramos 48 homens e uma mulher. Andamos dois dias a pé. Na segunda-feira de manhã, chegamos a Espanha esgotados. Lá, era preciso evitar os «guardias civiles». Meteram-nos num camião coberto por um toldo e rolavamos unicamente de noite. Estávamos amontoados como bestas. De pé, apertados uns contra os outros, esperávamos com impaciência o final da viagem. Estivemos 27 horas no camião...».

«Logo a seguir ao desembarque, recomeçamos a marchar. Avançamos em fila indiana através das rochas e da neve dos Pirinéus. Os passadores estavam apressados: esperavam outros «clientes» e cada um lhes dá um bom dinheiro. Muitas vezes, de noite, eramos obrigados a parar, esperar durante horas dentro de fossas, que o perigo passasse. E de novo recomeça a marcha através dos duros caminhos da montanha. Fazendo grandes contornos para evitar os postos fronteiriços.»

«Finalmente, no sábado, chegamos a Bayonne, cansados, mas felizes de ter chegado a França. Passar a fronteira não custa nada. Passou-se sem darmos conta! Mas que cansaço e que medo! Mesmo que me dessem 10 000 escudos em suplemento, não recomeçava».

MANUEL S.

ESCREVEI-NOS!

CONTAI A VOSSA EXPERIÊNCIA SOBRE «O SALTO»!

Lê e assina
«JORNAL do EMIGRANTE»

O QUE É O SINDICATO?

Aqueles que em Portugal eram operários, que trabalhavam numa fábrica ou eram pintores, sabem que o sindicato eram 2\$50 que lhes eram descontados todos os meses na fêria.

Aos que eram electricistas, descontavam-lhes 5\$00. É tudo o que em Portugal aprendemos dos sindicatos, que além disso estão do lado do patrão e do governo.

Mas, em França, o sindicato não é uma organização do patronato. É uma organização dos trabalhadores. Além de só entrar para o sindicato quem quiser, os que fazem parte são trabalhadores, são operários.

Portanto o Sindicato é uma organização ao serviço dos trabalhadores, que os deve defender da exploração patronal e contra os abusos que as grandes empresas e as pequenas oficinas fazem, especialmente sobre os emigrados.

O Sindicato não tem «patrões ou chefes». O Sindicato são os próprios trabalhadores. O Sindicato deve ser formado por todos aqueles que trabalham, pelos operários de cada atelier, de cada fábrica, de cada «chantier».

Em cada número do JORNAL DO EMIGRANTE, falaremos dos sindicatos, apresentaremos diversos companheiros que participam na vida sindical da empresa, ou do «bâtiment» onde trabalham.

PAGE QUATRE

CUIDADO COM OS TRAFICANTES DE HOMENS

O jornal «Portugal Popular» publica no seu número do 4 a 10 de dezembro uma carta de três trabalhadores em que eles acusam a

«Associação Nacional» — a associação do Banco da rua du Helder — de enganarem os que procuram trabalho e de receberem 50 F dos patrões do Luxemburgo por cada empregado que lhe arranjam. Vejamos o sarilho em que aqueles portugueses se meteram por terem feito crédito àquela associação:

UMA CARTA DE TRÊS TRABALHADORES

«No passado mês de outubro, iludido pela propaganda dessa associação, lá me dirigi afim de arranjar trabalho o que me foi dito logo que era facilimo. Isto dito por uma fulana que lá é empregada e logo me disseram que seguiria para o Luxemburgo nas seguintes condições: 5 a 6 francos horários, alojamento, comer e passagens pagas. As condições não eram más para iniciar; mas um problema eu tinha e por dúvidas perguntei se era necessário passaporte, pois que eu não o possuía e a mesma dama me disse que não era necessário pois iam enviados pela associação. Na minha boa fé lá segui no outro dia para o Luxemburgo e quando cheguei à fronteira, como não me deixaram passar, tive que atravessar por montes e vales mais os meus colegas, porque as possibilidades da Associação eram, a partir desse primeiro problema, falsas. Cheguei ao Luxemburgo e aí foi a derrocada final: as viagens não eram pagas, o comer muito menos e o trabalho era andar durante 10 horas dentro de água, mas com água até à cintura. Quero dizer, trabalho de escravo por 4,20 F, com descontos de 19% e o quarto não era oferecido, tínhamos de pagar 600 F. Eu e os meus colegas só trabalhamos um dia porque era impossível com as nossas idades — 18, 20 e 21 anos — suportar tal trabalho, e no outro dia dissemos ao patrão que queríamos a conta para regressar a França, mas esse patrão negou-nos o salário do nosso trabalho, dizendo que por cada um de nós ele tinha de pagar a essa Associação 50 F.

Tive de fazer o caminho do Luxemburgo a Paris a pé. Foi uma caminhada de fome e de sacrifícios e ainda por cima fomos roubados com o nosso salário e tudo por causa dessa associação que «pugna pela solidariedade dos portugueses em França», mas vivendo à custa do seu sacrifício e fazendo deles escravos como no tempo das galés...».

MORAL DA HISTORIA

É esta a carta. Ela é assinada por Joaquim da Silva Fernandes, Lauriano Melo da Silva e Antonio Matos da Costa, todos habitando Paris-14^e.

Só temos a lamentar que aqueles nossos compatriotas tenham ainda feito confiança, quando já ninguém acredita, nesses indivíduos.

50 F por cada desempregado que procura trabalho!

Por muitos caminhos se vai a Roma e há tantas formas de ganhar dinheiro como de matar pulgas. O que é preciso é ter um pouco de imaginação, sangue frio, desvergonha e baixos instintos.

Mas não pensem que falando de uns eu queira esquecer os outros... «Portugal Popular» não é melhor rez: lembrem-se desses apelos, desses convites, e dessas histórias de transferências de emigrantes portugueses em França para Cabora-

Bassa, em Moçambique! tanta entrevista, tanto «baratin», tanta literatura para convencer os trabalhadores portugueses que estão em França que devem de ir trabalhar para Cascos-de-Rolha, em Moçambique, onde se está a construir uma barragem que é de toda a gente do mundo (capitalista) menos dos Portugueses.

Os portugueses sou eu, és tu, são os nossos irmãos e colegas. Aquela barragem é tanto nossa como nós nos chamamos *Algemeine Electricitatis Gessellschaft - A.E.G. - Franckfort, Republica Federal Alema*.

Vender desempregados ao Luxemburgo ou incitá-los a ir trabalhar por conta da Rodésia ou da Africa do Sul, é apenas uma questão de geografia.

Entre a peste e a cólera, venha a morte e escolha.

É MENTIRA QUE A POLICIA PRENDE OS SINDICALISTAS

Normalmente, diz-se que a polícia prende os portugueses que se sindicalizaram, quando vão de férias a Portugal.

É mentira! São os boatos que a PIDE, polícia portuguesa, lança, que levantam esta confusão. Os objectivos da polícia portuguesa é que os trabalhadores não participem na vida sindical.

Mas todos nós, devemos entrar para o Sindicato da empresa, da fábrica ou do «chantier» onde trabalhamos, para que defendamos os nossos direitos.

TUDO O QUE TEMOS FOI A CLASSE OPERARIA QUE CONQUISTOU

Se hoje há Sécurité Sociale. Se hoje há Allocations Familiales (abonos de família). Se hoje há um mês de férias. Tudo isto, foi a luta dos operários franceses, nos seus sindicatos operários.

Escrevei-nos, contaí as vossas experiências, ou as vossas críticas sobre os sindicatos e os trabalhadores emigrados.

Só assim, poderemos desenvolver a actividade sindical e a defesa dos trabalhadores portugueses.

jornal do Emigrante

FOTO DE VICTOR MOREIRA



Depois de alguns meses de interrupção JORNAL DO EMIGRANTE volta a ver a luz do dia.

Que nos perdoem todos os seus leitores que dum momento para o outro deixaram de o receber em casa, ou não o puderam encontrar nos quiosques ou nos «marchés». Que nos desculpem aqueles que pensaram um instante que nós eramos «como todos os outros que vivem da emigração». Não caros amigos, nós não somos desses. Se o jornal teve de parar foi para tomar folgo. Agora está mais forte, há mais rapaziada a trabalhar nele. Há grupos de rapazes novos que reconheceram que não havia um outro jornal no estrangeiro que pudesse falar com franqueza dos nossos problemas de Portugueses.

Em que jornal viam vocês, escrito com clareza o que se passa nas colónias?

JORNAL DO EMIGRANTE é um jornal independente. Sem compromissos com ninguém. Nem com o governo, nem com a polícia, nem com os bancos, nem com os patrões. É por essa razão que não aceita publicidade. Vive da venda e de actividades culturais que promove nos núcleos da emigração. Os que o escrevem são os que o vendem. Os que nele trabalham não ganham um tostão por esse facto. Pelo contrário: quantos fins de meses difíceis devido a tantas pequenas despesas extra! Os que o fazem não são «jornalistas profissionais». Uns são operários da Citroën, outros empregados de escritório, outros são «manœuvres».

Eles têm alguma coisa a dizer aos seus compatriotas. É com essa finalidade que fazem o JORNAL DO EMIGRANTE.

O CLUB DOS JOVENS PORTUGUESES DE PARIS

Nascido em Paris, Porte de Vanves, onde tem algumas das suas actividades a sua sede é no 3, rue Récamier, Paris-7^o.

O Club não tem mãos a medir. E solicitado para organizar, representar, filmar, fotografar em todo o lado. E mesmo difícil dizer tudo o que eles fazem ou fizeram ao longo destes últimos 7 meses; seria quase necessário um jornal todas as semanas... Bailes em Paris com mais de 700 pessoas, festas e soirées de variedades em Vesinet, Massy, Fresnes, Houilles, excursões, reportagens fotográficas e exposições de fotografias sobre os trabalhadores portugueses em Paris e Paris-Bagnolet. Fazem filmes sobre tudo: sobre as terras onde vão passar as férias, sobre os ranchos folclóricos que vêm a Paris, sobre o Jornal do Emigrante...

Este Club têm uma pequena «troupe» de teatro que representa nas soirées organizadas por eles; quem é que ainda não viu a charmante Natália, o cómico Victor, o sisudo Sidónio na «Comédia do Mestre Patêlão»? Podemos dizer que, de todas as peças representadas pelos portugueses em França é esta que está há mais tempo no cartaz! Mas um espectáculo apresentado por estes jovens tem de tudo: Canções por Luis Cilia, Branco e Flores, filmes brasileiros, filmes sobre a guerra colonial...

O CLUB DOS JOVENS PORTUGUESES DE HOUILLES

Teve um bom «démarrage» — Depois de algumas sessões de organização, o Club decidiu iniciar oficialmente as suas actividades com um Baile na sua sede, no dia 28 de dezembro. O baile, foi animado pelos acordeonistas RUI MATEUS e ALBINO DOMINGUEZ e decorreu num ambiente familiar, popular e de exemplar camaradagem.

O Club está interessado em Fazer Teatro, dansas folclóricas, organizar uma orquestra e um grupo coral e além disso em ver um filme escolhido por eles todos os 15 dias e, evidentemente, bailes de vez em quando.

O Club dos Jovens Portugueses de Houilles tem encontros todos os sábados na sua sede — Maison des Jeunes, 2, rue du Dr Zamenhoff, 78-Houilles. Os jovens de Houilles, Sartrouville, Carrières, etc..., serão bem acolhidos por toda a gente...

O CLUB PORTUGUES DE FONTENAY-AUX-ROSES

Nasceu e está a marchar bem. A sua sessão inaugural constou de uma tarde de variedades com Canções por Cilia, Branco e Flores e de um Filme brasileiro «O CANGACEIRO».

A sua sede é na Maison de la Jeunesse Européenne, place de la Mairie.

O Club tem outras salas na Comuna para organizar bailes e sessões de cinema.

Um baile esta previsto para as primeiras semanas de Janeiro.

COMO RECEBER O JORNAL

O Interesse que tem um club de jovens

Nasceu em Paris o primeiro Club de Jovens portugueses. É um club protegido pela lei francesa (lei 1901). Ele tem por finalidade estabelecer relações e a amizade entre as centenas de jovens portugueses residentes na região de Paris. Já possui umas dezenas de sócios e uma dezena de colaboradores que, privando-se das pequenas extravagâncias de cafés e dos passeios nas avenidas, dispensam uma parte do seu tempo livre nas actividades do Club.

Mas para a constituição de uma equipa de futebol, para a formação de grupos artísticos (teatro, cinema, fotografia) e outras actividades uma dezena de jovens é pouco.

Portugueses há que ainda não compreenderam o valor que pode ter uma associação de jovens; e para o confirmar apresento-vos um facto que se passou comigo: certa tarde dum domingo desloquei-me ao conhecido mercado de Bicêtre para contactar os nossos compatriotas. Ouvi falar o nosso conhecido português e, sem perder um segundo, dirigi-me para o local de onde provinha a conversa. Encontrei então um senhor de uns 40 anos acompanhado de um jovem, a quem, com sincera amizade, estendi um folheto para um baile. Seguiu-se um pequeno diálogo e quando pensava ter encontrado mais um amigo, ouvi esta frase vinda do seu pai: «Vem-te embora rapaz que o que eles querem é dinheiro.» Retive estas palavras como quem retém uma chicotada e quando pensei em lhes explicar que não estava ali para pedir dinheiro, pedi desculpa e retirei-me. A partir deste momento comecei por desanimar, mas de repente, convenci-me que não seria a resposta deste senhor o factor estimulante das nossas esperanças. Continuámos; hoje o club já conta na sua história varias actividades de grande interesse. A nossa iniciativa deu também a ideia a outros que desejam fazer tanto como nós.

Mas para que possamos continuar, caro leitor, é necessaria a tua colaboração. Escreve-nos, pois, para: Club dos Jovens Portugueses, 3, rue Récamier, Paris (7^o). E mais tarde poderás dizer com orgulho: há um club de Jovens portugueses em Paris para o qual contribui.

Um do Club J. P. Paris.

Preço de cada número: 1 F
Assinatura anual: 10 F

NOME:
MORADA:

Desejo receber «JORNAL DO EMIGRANTE»

Peço que me enviem un vale ja pre enchido para o pagamento da assinatura.

Envia este Boletim a «JORNAL DO EMIGRANTE», 3, rue Récamier, Paris (7^o)

PAGE CINQ

O que sao os clubes de jovens

São grupos de rapazes e raparigas, franceses e portugueses que procuram viver em camaradagem; são locais onde esses jovens se encontram para organizarem as suas actividades, para se distraírem, para se conhecerem. Organizam-se festas, bailes, excursões, aprende-se o francês, faz-se teatro, cinema, fotografia, desporto.

Um club de Jovens não é um grupo de futebol. De futebol, dizem os jovens do Club de Paris, já estão eles cheios! E já não é nada de original, porque toda a gente pode dar pontapés na bola!

Existem já na região de Paris os seguintes Clubs de Jovens:

- Club dos Jovens Portugueses de Paris — 3, rue Récamier, Paris-7^o.
- Club Franco Portugues da Juventude — 70, rue F.-Miron, Paris-4^o.
- Club dos Jovens Portugueses de Houilles — M.J.C., 2, rue du Dr Zamenhoff, 78-Houilles.
- Club Portugues de Fontenay-aux-Roses — Maison de la Jeunesse Européenne — Place de la Mairie, 92-Fontenay-aux-Roses.
- Na província: Club dos Portugueses de Toulouse — 3, rue de la Madeleine, 31-Toulouse.

Outros Clubs estão em formação de que vos daremos noticia quando já estiverem a funcionar.

Quase todos estes clubes foram criados por um club ou associação já existente. Os portugueses interessados em criar um club na terra onde moram nada mais têm a fazer do que contactar um daqueles Clubs ou o nosso Jornal. Para isso recortem e preencham este talão e enviem-no a uma das moradas citadas.

NOME:

MORADA:

Desejo que um club de jovens seja criado na zona onde habito; estou pessoalmente interessado em colaborar nele.

A guerra colonial

HISTÓRIAS DA GUERRA

Amigos, inumerar factos tinha mais para lhes citar.

Mas muito teria que me alargar e poderia vir até a maçã-lo o que não quero de maneira alguma fazê-lo. E por isso vou de seguida relatar-lhes os crimes levados a cabo pelos militares portugueses dos quais os meus próprios olhos foram testemunhas vivas. Amigos, encontrava-me eu em Bissau no quartel dos adidos há 15 dias aguardando colocação. Nesse mesmo quartel encontravam-se dois militantes do exército popular do PAIGC feitos prisioneiros pela tropa dos comandos os quais para os interrogarem os chicoteavam com chicotes feitos de arame e lhes espetavam na pele até à profundura de meio centímetro, arames com os quais os espancavam de noite e dia. Como os infelizes, ou por nada saberem ou por não quererem trair a sua causa, nada lhes respondessem, furiosos os carrascos pontapeavam-nos sem dó nem piedade em todas as partes do corpo, até que os infelizes por terra caíam sem força ou desmaiados, sendo-lhes negada muitas vezes a água que sequiosos imploravam. E quando a davam punham-lhe grande quantidade de sal rindo-se de cara que os infelizes faziam ao sofregamente a beberem. Amigos, foi este o primeiro crime palpável na colónia da Guiné visto pelos próprios olhos mas infelizmente não foi este o último...

(Depoimento do ex-soldado condutor radio-telefonista nº 04827 de 1964, Francisco Gomes da Silva, natural de Barcelos, ex-prisioneiro do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, por esse mesmo partido libertado em 10 de Julho de 1968, aos microfones da Rádio VOZ DA LIBERDADE, da F.P.L.N.)

A SUECIA DESAPROVA A POLÍTICA COLONIAL PORTUGUESA

Olof Palme, Primeiro Ministro sueco, disse no Parlamento que o seu país, apoiava os movimentos de LIBERTAÇÃO das colónias portuguesas.

Para melhor contribuir com o seu apoio, a Suécia dá anualmente a quantia de 4 mil e 500 contos para a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e cerca de 6 mil contos para o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde).

O GOVERNO PORTUGUÊS REAGE

Lisboa protestou, e retirou o seu Embaixador da capital sueca, Estocolmo. Os representantes de uma campanha de Telecomunicações sueca (A.L.M. Ericson), são agora considerados em Portugal como traidores. O «sindicato» dos estivadores de Lisboa e Porto, deu ordem para que se fizesse greve e não se descarregassem os barcos suecos, ou qualquer outro barco com mercadoria sueca. Foi o caso, por exemplo, do navio «Ragunda» sueco e do «Hermes», este alemão mas que continha mercadoria sueca. Mas não foi sem mal que o «sindicato», conseguiu isso.

Os trabalhadores dos portos de Lisboa e Porto teriam feito greve com muita mais coragem e vontade, se esta fosse a favor dos seus interesses. Aqui não foi o caso.

Todos nós portugueses, sabemos que não há em Portugal a liberdade de se fazer greves ou manifestações, mas esta repartição do Estado, que tem por nome «Sindicato» não só deu ordem de greve, como levou os trabalhadores a manifestar.

Este mesmo «sindicato», ter-se-ia recusado a aceitar uma greve para reclamar aumento de salários, para os mesmos estivadores. Mais ainda, seriam duramente castigados, por intermédio deste, aqueles que tivessem tal iniciativa.

A SUÉCIA RESPONDE AO PROTESTO PORTUGUÊS

A embaixada sueca em Lisboa, informou o Ministério dos Negócios Estrangeiros de que o auxílio sueco aos movimentos de Libertação é dado de acordo ao apelo da Assembleia Geral das Nações Unidas do dia 2-11-68, para apoio moral e material aos habitantes dos territórios africanos administrados por Portugal.

PAGE SIX

MOÇAMBIQUE

A PROPOSITO DE CABORA-BASSA

Pretende-se construir, no rio Zambeze, na região de Cabora-Bassa, (a 200 km ao Norte da cidade de Tete), uma barragem produtora de energia eléctrica, que custará cerca de 7 milhões e 600 mil contos.

O jornal português «Portugal Popular», que de popular só tem o nome e que se diz «o jornal que defende os emigrantes», tem pedido nos seus últimos números para que os emigrantes, que lutam com dificuldades no estrangeiro, vão trabalhar para Cabora-Bassa; como o chapéu nunca anda longe da cabeça, a isso responde o Ministro do Ultramar que «ele está a estudar a questão com muito empenho»; como dizia aquele jornal governamental, aquilo seria duma «grande utilidade para a Pátria» e para «os benefícios do futuro».

A EMIGRAÇÃO «LEGAL» PARA O TRABALHO FORÇADO

A «utilidade» de que eles falam, é para quem?

A barragem destina-se a fabricar energia eléctrica que será utilizada pelos governos racistas da Rodésia e África do Sul e pelo governo de traidores corrompidos do Malawi.

Onde as relações são mais íntimas entre aqueles países e Portugal é sobre a exploração da mão-de-obra. Ali, os trabalhadores são recrutados pela força para o trabalho forçado. Os trabalhadores sob contracto, não sómente não podem abandonar a região onde trabalham, nem anular os seus contractos, como são obrigados a trazer debaixo das roupas um número que indica a que categoria pertencem. Um tratado Moçambique-Transvaal que data de 1909 assegura o envio anual de 10 mil homens para as minas do Transvaal. O governo português recebe em dinheiro 150 escudos por cada trabalhador sob «contracto» e em lingotes de ouro a metade do valor de quatro meses de salário de cada emigração de trabalhadores. Em 1950, por exemplo, houve 400 mil moçambicanos recrutados de força e enviados para a África do Sul e a Rodésia.

OS NEGREIROS DA WNLA

A coberto de «emigração legal» e faz-se um verdadeiro «tráfico de negros», que é organizado pela WNLA (Witwatersrand Native Labour Association). Autocarros fazem um vai e vem transportando trabalhadores para a Rodésia e a África do Sul, para as minas de carvão e outros serviços.

BILHETE DE IDENTIDADE DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

ANGOLA

Superfície :
1 246 700 km².
População :
5 300 000 hab. (5 000 000 negros, 270 000 europeus, 80 000 mestiços).
Capital :
Luanda.
Outras cidades :
Redondo, Benguela, Cabinda, Lobito.
Produções :
Café, sisal, algodão, tabaco, cacau, açúcar, milho, petróleo, diamantes, ferro, cobre e manganésio.

ECONOMIA

A agricultura é a actividade principal da população africana.

A exportação dos produtos agrícolas representa 65 % das exportações angolanas (café, sisal, milho, açúcar, dos quais mais de 90 % de café).

Os europeus possuem 9/10 da produção de café.

Angola é o 2º produtor africano de café.

1/10 apenas do orçamento angolano é destinado ao sector agrícola, que ocupa cerca de 90 % da população. O resto, destina-se a desenvolver os benefícios dos capitais estrangeiros, tais como o americano e belga que explora o petróleo, o alemão que explora o ferro, o inglês e sul-africano que exploram os diamantes, o francês que se ocupa do café, o japonês do cobre, o sueco, o holandês... um nunca mais acabar de abutres.

TRABALHO

O número de assalariados é de 400 mil. Isto para uma população de quase 5,5 milhões de habitantes! Daqueles 400 000, 40 % são agrícolas, 16 % das indústrias mineiras, 11 % da construção civil, 11 % da administração, e 9 % dos transportes.

Os salários, inferiores aos fixados pelos governos, daqueles países, o tratamento desumano, o severo regime de trabalho, as doenças... provocam a fuga de muitos trabalhadores o que os conduz à prisão; em 1967, 10 300 trabalhadores de Moçambique figuravam como «prisioneiros desertores recapturados». Anualmente 1/4 dos recrutados morrem nos campos de trabalho.

SOLIDARIEDADE PARA OS POVOS COLONIZADOS

Não contentes de terem obrigado o povo português a emigrar, a suportarem todos os problemas para organizarem no estrangeiro uma nova vida, tentam hoje mandar-nos para Moçambique! Mas se levarmos um pouco mais longe a nossa curiosidade na leitura daquele jornal, então os ensejos daqueles oportunistas são mais claros, «os emigrantes seriam o EXERCITO da paz». Todos nós sabemos que dezenas de milhares de jovens portugueses, preferiram «dar o salto» que irem participar numa guerra criminosa. Fazem-lhes falta esses jovens, fazem-lhes falta essas promessas emigrante, para que os vá substituir. Prometem-te que darão férias pagas ao fim de 18 meses; a tua família, os teus amigos, a tua casa (se a não vendeste para fugires a miséria) estão em Portugal; ser estrangeiro aqui ou em Moçambique...

Nós recusamos de trabalhar como escravos!

E os benefícios para quem são?

■ no próximo número :
ANGOLA ano X

O número, infinitamente superior, dos restantes trabalhadores estão sob o regime do trabalho forçado! Sobre este assunto declarou o falecido Bispo da Beira, Mgr Resende :

«Impor aos trabalhadores uma estadia de mais de 6 meses longe da família, provoca não só a revolta dos trabalhadores, mas arruina-lhes completamente a vida de família. Se os patrões dessem a cada trabalhador indígena, o que eles dão para os recrutarem, eles nunca teriam falta desse pessoal.» Com efeito, o patrão para receber os seus «recrutados», deve «indemnizar» o chefe de posto.. esta gorjeta representa 10 vezes o salário previsto no contracto de trabalho para seis meses!

EDUCAÇÃO

99 % das populações são analfabetas e não podem participar de maneira alguma nem à vida política, nem à vida económica do país.

Após 5 séculos de «presença civilizadora» portuguesa, apenas 3 % dos angolanos são considerados como cidadãos portugueses e oficialmente designados como «civilizados».

Ser cidadão português, para um angolano, significa saber ler e escrever o português, pagar impostos e ter a prova de ter adquirido os hábitos europeus, ou então estar no liceu. Estes cidadãos, serão os «Assimilados».

SAUDE

Em 1960 ainda, havia um médico para cada 22 400 habitantes, um enfermeiro para cada 9 576 habitantes. (Em Portugal na mesma altura havia um médico por cada 1 500 habitantes e um enfermeiro por cada 1 600, esta situação em Portugal era já catastrófica...)

A constituição do consórcio da Zamco é a seguinte : Anglo American Corporation of South Africa (presidência e secretariado) de Johannesburg; Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft (AEG-Telefunken) de Francfort; Brown Boveri et Cie de Mannheim; C. G. E. E. - Cogelox de Levallois-Perret; Entreprise Fougere-Limousin de Paris; Hochtief Aktiengesellschaft de Essen; J.M. Voith GmbH de Heidenheim Brenz; L.T.A. Ltd. de Johannesburg; Siemens Aktiengesellschaft de Erlanger; Shaft Sinkers Ltd. de Johannesburg; Sociedades Reunidas de Fabricações da Amadora (enfim, uma lá da terra); Società Anonima Elettrificazione S.p.A. de Milão; Société Générale de Constructions Electriques et Mécaniques Alsthom de Paris; Compagnie de Constructions Internationales de Paris...

A estas, que são as principais, se juntam todas as pequenas companhias que não interessam para aqui mesmo porque elas são das mesmas cores que as primeiras...

Para quê comentar para quem são os benefícios, aquela lista não responde por si mesma a todas as questões?

Nós recusamos de defender os negócios dos outros!

ESCREVE-NOS :

diz o que pensas da guerra colonial

O CONSULADO PORTUGUÊS EM PARIS

A cova dos leões

Quem é que não conhece ainda o consulado português em Paris? De todos os sítios por onde os portugueses têm de passar é este onde eles são mais mal recebidos.

Desde o «concierge» até ao próprio consul, a regra é igual para todos; tratar os emigrantes o mais mal possível. E' escusado dizer no «Jornal do Emigrante» o que se passa naquele pavilhão do bairro burguês do *seizième arrondissement* de Paris. Qual de nós não teve já ir pedir que assinem um papel, um passaporte, declarar um casamento... E quantos deixam de lá ir para o mesmo, porque não estão dispostos a passar um dia inteiro de pé, numa antiga garagem, suja, malcheirosa, sem ar, no meio de 300 pessoas empilhadas como salsichas em lata de «cassoulet», para ouvir ao fim da tarde «venha amanhã» ou ser recebido por gente malcriada por detrás de um guichet?

■ COMO ARRANJAR FORTUNA SEM SE ESFORÇAR

O consulado português em Paris é a maior espelunca que os trabalhadores portugueses podiam ter encontrado nos seus longos e penosos caminhos da emigração. Ele é também o coio onde os trabalhadores portugueses são roubados (é o termo exacto) da forma mais descarada.

O excelentíssimo e digníssimo senhor Consul que não tem, com certeza, grandes capacidades de inteligência para se meter em negociatas de alta escala, «descobriu» uma forma simples (mais simples do que 2 e 2), de ganhar tanto ou mais do que um ministro de finanças; essa forma simples consiste em meter ao bolso o resultado fabuloso das «urgências», sem facturas nem nada...

Um pouco de descaramento, um pouco de «interesses nacionais», um pouco de «mic-mac» — eis a receita para se conseguir uma enorme fortuna sem se dar cabo da cabeça! E simples, dizia eu; o ovo de Colombo também é simples... a esperteza está precisamente em ser o primeiro a fazê-lo!

■ AS LEIS DO DIREITO E DO AVESSO

Não quero entrar aqui em pormenores quanto ao que dizem as leis portuguesas sobre esse assunto das «urgências». Para mim as leis portuguesas tanto dizem o direito como

o avesso, tudo depende da vontade do freguês que está no governo, e, no meio de cem leis, há sempre uma que diz o contrário das outras noventa e nove. Mas segundo leio nos jornais feitos em Portugal, essa manobra de meter ao bolso o resultado das «urgências» é contrária ao decreto-lei nº 47010 de 16 de maio de 1966, promulgado pelo conselho de ministros, sob a presidência de Salazar. Quando esse decreto-lei foi publicado no Diário do Governo levantou uma chuva de protestos da parte da quadrilha que seria obrigada a depositar essas somas no Tesouro Público.

A pequena fortuna riscava, pois de ir pelo Tejo abaixo... Foi nesse momento que o ministro Franco Nogueira, do qual dependiam os consulados, fez sair uma circular, assinada por um funcionário do seu Ministério, na qual se diz que, contrariamente ao que foi estabelecido pelo conselho de Ministros, os consules poderão continuar a cobrar para o seu bolso, os «emolumentos» dos passaportes e outros papéis passados com «urgência».

Dizia eu há pouco que as leis portuguesas fazem direito e avesso: um simples funcionário pode desfazer a lei decretada pelo Governo!

■ PARA OS PARISIENSES, O CONSUL É UM INDESEJAVEL

Mas isto já não é novo. O que é novidade, e mesmo muito engraçado, é que se sabe agora que os habitantes daquele bairro «chic» não querem nada com ele. Da avenida Kléber, onde funcionava antigamente, o Consul teve de partir com bagagens, cofres-fortes e carimbos, porque os habitantes do prédio assinaram contra ele um pedido de expulsão. Para evitar uma nova mudança, o consul comprou o velho pavilhão com garagem, da rua Edouard-Fourier, onde está actualmente instalado.

Mas... a sua esperteza saloia não lhe valeu de muito, porque agora são os habitantes daquele bairro que ameaçam *faire sauter la baraque*. O deputado de Paris-16º prometeu mesmo aos seus eleitores descontentes que levaria, se ele não saísse de lá, o caso à discussão na Assembleia Nacional Francesa!

Com franqueza, senhor Consul, o seu problema de alojamento é muito grave! E o nosso? Que direi eu daqueles portugueses que que lá esperam, horas e dias, por uma assinatura ou por uma folha de papel?

Este jornais que nos poem nos maos

«PORTUGAL POPULAR» é um jornal feito em Portugal e impigido a todas as boas almas que tiveram de vir procurar trabalho no estrangeiro. Foi lançado com o auxílio do Ministério Português da Informação e é aguentado com os dinheiros dos bancos e das empresas interessadas nas economias dos emigrantes. É apoiado pelo Governo e por todos os consulados portugueses no estrangeiro.

LAMBER AS BOTAS

«Portugal Popular» é um jornal do regime; é um jornal beato e louvaminhas. «Portugal Popular» é um «torchon» sempre pronto a dar lustro às botas bem colocadas, mesmo que essas botas espezinchem os trabalhadores portugueses. Aqui vai um exemplo entre centenas:

«Portugal Popular», no seu numero de 31 de julho ao 6 de outubro relata isto: Um trabalhador português residente no departamento do Essonne, ao volante do seu automóvel «preparava-se para apanhar a sua via de circulação. Aparecem, pelo lado, dois «motards» da policia; um deles, não tomando as devidas precauções chocou contra o carro; não contente com isso, explica o nosso compatriota, um dos «motards» «apeou-se e, em vez de calma e serenamente pedir e dar explicações, veio contra mim e deu-me um valente soco cujos sinais tenho ainda aqui no lábio superior».

O nosso compatriota foi hospitalizado e na presença de testemunhas e do próprio «motard» foi redigido um processo verbal. O Tenente da Policia que tomou conta do caso, ouviu largamente o agredido e insistiu varias vezes se ele não queria apresentar queixa. O nosso compatriota disse varias vezes que não, possivelmente por medo, ou por cobardia. Por fim, o Tenente da Policia disse: «Você é amigo deste senhor, mas ele não foi seu amigo, porque o tratou mal e o agrediu».

Acabou o incidente. «Portugal Popular» diz que este nosso compatriota é «uma alma grande», «um exemplo de um homem de bom coração», «um exemplo de gesto nobre». E assim, para a próxima vez, aquele ou outro agressor poderá repetir o seu gesto na pessoa do mesmo ou de um outro qualquer.

POPULAR SO DE NOME

«Portugal Popular» de popular só tem o nome. Os que o leem, reparem bem nesses longos artigos em honra dos novos bancos portugueses

no estrangeiro. Essas grandes páginas de publicidade: «Qual é o seu tipo de propriedade? um arranha-céus, um navio, uma quinta... confie os seus negócios à confidente que compra, vende e hipoteca propriedades» (e que, isto não diz ele, deixa os pequenos proprietários na miséria).

«Portugal Popular» é um jornal clerical. Ouve todos os sermões e faz-se alto-falante de todos os Padres Ardérius e Monteiros cá da terra. Mesmo quando esse padre Ardérius proclama na Televisão Portuguesa que os jovens que fogem sem passaporte são uns loucos e uns «doentes». Mesmo quando os padres Ardérius lá da terra obrigam as famílias dos emigrantes a pedir aos seus familiares que mandem dinheiro «para o salão paroquial».

Mas como as sotainas de Braga não podem fazer bom casamento com as «Belezas da Semana», muda-se o estilo, criam-se as novas «figuras portuguesas»: Vem depois o chorriho folclórico já conhecido: a mulher da cidade e da vila a encher o cântaro na fonte pública, a minhota a tocar a castanholinha... Virá depois, talvez, a prostituta do Bairro Alto, ou (quem sabe?) a presidente do Movimento Nacional Feminino...

J. C.

Este é o teu Jornal Da-nos a tua opinião

Escreve-nos para

3, rue Récamier - PARIS-7^e

ções políticas operárias e, quando ele pensou que o partido Comunista Brasileiro deixou de ser o verdadeiro defensor dos operários, ele forma o Partido Comunista Revolucionário Brasileiro, que se bate pela revolução socialista.

Carlos Mariguela foi o organizador do rapto do Embaixador dos Estados Unidos, que deu que falar nos jornais de todo o mundo, há poucos meses. O embaixador só foi libertado quando o governo satisfizesse todas as exigências: nomeadamente a declarar publicamente que o Governo Brasileiro se pos às ordens do capitalismo americano, e a libertação de 15 revolucionários que estavam presos.

Carlos Mariguela foi traído por um padre dominicano. São esses padres que mais ajudam os revolucionários brasileiros. Eles fizeram-se os verdadeiros apóstolos da classe trabalhadora. Mas no meio de muitos bons há sempre maus também... Chamado por telefone Carlos Mariguela saiu à rua no seu carro. Um padre (ou indivíduo vestido como tal) apontou o à policia que atirou em plena rua.

Os operários e trabalhadores brasileiros e de todos os países da América do sul, conscientes que a sua luta e a dos trabalhadores de todo o mundo não faz senão uma, estão de luto pela morte daquele que passou toda a vida a lutar por eles.

Gil de Saba

O BRASIL - PRESA DOS VAMPIROS

O Brasil está a saque e a ferros. Com efeito, depois do golpe militar que destituiu João Goulart, o Brasil não mais conheceu a liberdade. E desconhece-a porque a sua policia exerce uma actividade semelhante àquela que é praticada pela PIDE em Portugal. Os homens da Oposição são privados dos seus direitos, os padres progressistas, expulsos e os militantes operários metidos nas prisões. Lá são postos ao suplicio como se vê pelas declarações dos 15 prisioneiros

libertados em troca do Embaixador dos Estados Unidos. Torturas, fome, sede, suplicios banais em relação à chamada pena da «Canga» que tem o seu equivalente em Portugal na chamada «estatua». Quando isso não basta, ou quando os operários são mais activos e, portanto, perigosos para o regime, assassinam-se para se verem livres deles. Foi o caso de Carlos Mariguela, autor do rapto do embaixador dos Estados Unidos da América.

CARLOS MARIGUELA

Carlos Mariguela era o homem mais perigoso para o regime, pois que ele sempre se bateu pelos interesses dos trabalhadores. Aos 16 anos, Mariguela é já um militante operário perseguido pela policia de Jettulio Vargas. E' eleito depois deputado, levando os interesses dos trabalhadores brasileiros à assembleia nacional; entretanto, é ele que evita a divisão entre as diversas organiza-

jornal do Emigrante

É um jornal da emigração portuguesa. Sem compromissos com a polícia, nem com os bancos, nem com os patrões.
É por esta razão que não aceita publicidade.
Vive da venda e de actividades culturais que promove nos núcleos da emigração.

ESCREVE-NOS ! ENVIA A TUA OPINIAO !

A propósito de...

O ENSINO EM PORTUGAL

O desenvolvimento do ensino secundário em pouco ou nada evoluiu nos últimos anos o que nos coloca num dos últimos lugares em toda a Europa.

Em todos os países modernos todos os cidadãos, de todas as classes sociais têm o direito e podem estudar desde que o queiram. Em Portugal além do ensino, que poderemos chamar «dos ricos» (colégios, etc...), existe outro, patrocinado pelo Estado para o qual destina uma parte das suas economias (construção de escolas e salário professoral). Este ensino é destinado às pessoas cujo nível social é mínimo e incapaz de manter as despesas das escolas particulares.

Em Portugal só estudam os filhos «de papa» ou então os filhos dos emigrantes que, das diversas partes do mundo enviam uma parte das suas economias aos seus filhos estudantes que, apesar de pertencerem à classe dos trabalhadores não é menos inteligente que o seu vizinho milionário. Aos filhos dos trabalhadores do campo e dos operários não especializados só é dada a possibilidade de frequentar a escola primária para para que ao menos possa aprender a ler e a escrever...

A que é devido a «impossível» ajuda ao ensino dos filhos dos pobres? **Primeiro** a uma guerra colonial. Mas antes da guerra colonial também não havia escolas secundárias para eles; digamos então que isso corresponde aos interesses da burguesia, isto é, dos ricos. **Segundo** : os «estudantezinhos» filhos dos senhores «fulanos de tal» estudam em Londres, Paris ou Bruxelas absorvendo as bolsas de estudo muitas delas pertencentes aos pobres. Vem depois o interesse do regime na distribuição dos dinheiros públicos : O Governo preocupa-se mais, por exemplo, da «beleza de Portugal» do que do interesse dos portugueses : Em Valença do Minho (Norte do País) quem quizer seguir um curso técnico terá de deslocar-se a 50 quilómetros o que não é fácil! Mas neste concelho encontraram-se verbas para a construção de um «Palácio» da Justiça e dum belo e caro «Hotel Pousada» destinado aos turistas, enquanto, mais longe se procedeu a uma gigantesca Ponte «de Salazar»....

Conclusão : com todas estas fantasias, Portugal vira a ser um «Jardim da Europa» enquanto os portugueses trabalhadores continuam no improdutivo trabalho dos campos ou no ingrato emprego das fabricas ou então, terão de vir para França legal ou ilegalmente pois que o governo Francês lhes garante as facilidades a que têm direito os cidadãos franceses. No entanto, a formação adquirida nas universidades francesas não é válida no nosso país; porquê? Sera ela inferior à portuguesa?

S. V.

O CINEMA PORTUGUES

«O Século Ilustrado» do dia 1-11-69 trazia um artigo que tinha por título «Esta cena que vai dar que falar». Tratava-se de um filme. O autor desse artigo diz : O cinema Português tem de abordar problemas até agora considerados proibidos ; o Filme tem por título «Traição Inverosímil». É uma história de amor no qual aparecem as cenas mais escandalosas, filme como a maior parte daqueles que passam nas salas de Paris, Londres, etc...

Será este filme de amor-escândalo, de que o jornal nos apresenta algumas imagens, que trata dos problemas que atravessamos actualmente? Não são estes filmes que vão dar cultura ao Povo e é do conhecimento de todos que, se este e outros do género podem passar em Portugal, muitos filmes há que, relatando a história dos povos, a vida do povo, e qualquer filme progressista, são proibidos em Portugal. Porque não convem aos que exploram o Povo que este seja iludido pelo filme, assim como pelo livro ou pelo jornal, da sua situação e dos seus direitos.

ZECA

Concurso de beleza

«Venda racista de carne»

Uma organização feminista militante ameaçou empregar todas as táticas possíveis para perturbar a eleição de «Miss América», denunciando o concurso anual como «uma venda racista de carne».

«O concurso apresenta a imagem da mulher como nacos de carne sem cabeça e sem alma», declarou Robin Morgan, informadora do Movimento de Libertação das Mulheres, que foi descrito como uma organização nacional de mil grupos femininos lutando pela liberdade da mulher.

«Nunca houve uma finalista não branca» declarou Robin Morgan numa entrevista que concedeu pelo telefone. «As mulheres não podem ser livres enquanto todas as outras pessoas oprimidas — negros, pobres e vietnamitas — não serem livres.

«Empregaremos táticas legais e ilegais para conseguir a revolução total.»

Do «Jornal do Fundão»

Lê e assina
"JORNAL do EMIGRANTE"

SABIA QUE

Nenhuma mulher, por mais religiosa que seja pode esperar um dia ser papa. Mas houve uma que, usando de artimanhas, conseguiu ocupar o lugar do papa no Vaticano durante 2 anos, 5 meses e 4 dias, após a morte de Leão IV. Foi a «Papisa» Joana. Dizem os historiadores que Joana, dormindo um dia com um serviçal do palácio do Vaticano, engravidou. A Papa Joana morreu do parto durante uma procissão da Basilica do Vaticano para a de Latrão e foi enterrada aí mesmo. Os papas posteriores nunca mais por lá passaram e quando têm de dirigir-se à Basilica da Latrão passam por outra rua.

A história da Papisa Joana é relatada por inúmeros historiadores religiosos e por frei Hermenegildo de Tancos, historiador e frade do mosteiro de Alcobaça do século 14, no seu livro «Horto do Esposo».

★

Quando os primeiros comboios começaram a rodar o povo supunha que tinha chegado o fim do mundo. É que havia uma lenda que dizia «quando for vista uma cabrinha branca a atravessar os montes ao longe, ao por do sol, é o fim do mundo». A tal cabrinha era, neste caso, o comboio novinho em folha...

Esta crença era tão grande que, em Portugal, na inauguração da primeira linha férrea entre Lisboa e o Carregado, o bispo de Lisboa teve de embarcar na primeira viagem para mostrar aos crentes que não se tratava de um bruxedo.

COMPARECE..

■ No dia 2 de Fevereiro a partir das 15 horas.

na Maison des Jeunes :
46, rue Louis-Lumière, Paris (20°)
(No limite de Montreuil e Bagnolet)

TARDE DE VARIEDADES COM O PROGRAMA

TEATRO : A «Comédia do Mestre Patelão»

CANÇÕES : por Varios Cantores Portugueses

CINEMA : com o filme «Nossa Terra», um filme sobre a guerra da Guiné.

Programa e organização do
CLUB DOS JOVENS TRABALHADORES PORTUGUESES DE PARIS.

■ No dia 14 de Fevereiro, sábado a partir das 21 horas.

Grande baile de Carnaval
com RUI MATEUS E SUA ORQUESTRA

Na sala de Festas da Mairie du 3° ar., Paris (métro : Temple).

Organizado pelo
CLUB DOS JOVENS TRABALHADORES PORTUGUESES DE PARIS.

■ No dia 22 de Fevereiro a partir das 15 horas.

Na sala de Festas da Mairie de Houilles
Square Gabriel-Péri, rue Gabriel-Péri.

Com o seguinte programa :

TEATRO : «A Comédia do Enforcado».

VARIEDADES - DANSAS FOLCLORICAS - BAILE.

Programa e organização do CLUB DOS JOVENS PORTUGUESES DE HOUILLES